

Limites simbólicos corporais na prostituição feminina *

Elisiane Pasini**

Resumo

A partir de minha pesquisa, realizada na rua Augusta, São Paulo, entre 1998 e 1999, este artigo propõe uma reflexão sobre a maneira como as *garotas de programa* operam os limites simbólicos corporais na prática da prostituição feminina, analisando as relações sociais que essas garotas estabelecem com suas/seus parceiras/os e com os *clientes*.

Palavras-chave: Prostituição/*Garotas de Programa*, Gênero, Corpo, Sexualidade.

* Recebido para publicação em outubro de 1999.

** Doutoranda em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, bolsista do CNPq.

Limites simbólicos corporais

Corporeal Symbolic Limits in Female Prostitution

Abstract

Based on my research in rua Augusta, São Paulo, in 1998-99, this article analyses the social relations *garotas de promama* establish with their partners and clients, reflecting on the manner those women operate corporeal symbolic limits in the practice of female prostitution.

Key words: Prostitution/*Garotas de Programa*, Gender, Body, Sexuality.

Gostaria de refletir aqui sobre a maneira como *garotas de programa* operam os limites simbólicos corporais na prática da prostituição feminina. Em outras palavras, de compreender a lógica do agenciamento da corporalidade dessas garotas na prostituição. Vejo a corporalidade como um espaço social, do qual fazem parte elementos sócio-culturais, que comunicam significados e simbologias do grupo. Assim, os corpos, na esfera da ação dessas mulheres, tornam-se espaços sobre os quais se inscrevem significados sociais e culturais.¹

Especificamente, minha análise refletirá sobre as relações sociais que essas garotas estabelecem com suas parcerias afetivas e comerciais, justamente porque é nesse jogo que esses limites corporais são constituídos. Sugiro que, ao compreender essas práticas corporais, utilizadas pelas *garotas de programa* na prostituição, também é possível entender práticas corporais realizadas com as parcerias fora da prostituição. Entendo a prostituição feminina como uma atividade praticada por mulheres que estabelecem relações sexuais com diferentes homens em troca de dinheiro – um ato constituído por uma relação entre a *garota de programa*² e os *clientes*. Segundo o universo estudado, *clientes* são aqueles homens com quem as garotas mantêm relações sexuais no contexto da prostituição, caracterizadas, principalmente, pelo contato sexual e pelo dinheiro.

¹ Sobre corporalidade ver CSORDAS, Thomas. Embodiment as a Paradigm for Anthropology. *Ethos*, n° 18 (1), 1988, pp.5-47.

² A literatura específica e minhas pesquisas apresentam uma diversidade na maneira de nomear as mulheres que realizam prostituição. Por exemplo, na pesquisa realizada em Porto Alegre o termo usado para me referir às mulheres estudadas era prostituta, no entanto, em São Paulo elas se ofendiam quando eu as chamava assim. Apesar de não discutir essa diferença, enfatizo que ela não expressa apenas uma mudança terminológica. Nessa diferença de termos está contida a visão de mundo e o entendimento que essas mulheres têm sobre si e sobre a prostituição que desempenham. Em São Paulo, as garotas se autodenominavam *garotas de programa*, dessa forma, assim também as nomearei. As palavras grafadas em itálico são êmicas.

Apresentação do universo pesquisado

Minha pesquisa realizou-se na rua, num espaço preciso onde a prática da prostituição acontece em um tempo específico de ocupação dessa rua.³ Em outros horários, as ruas que pesquisei, como ambientes sociais, são constituídas por outras pessoas e por outras práticas. Assim, é nesse espaço re-significado pelo período de tempo e da prática da prostituição em que concentrei a pesquisa, mas, embora ela esteja localizada no lugar onde a prostituição é realizada, a própria dinâmica da pesquisa trouxe dados a respeito do contexto vivido por essas garotas fora da prostituição. Apesar de conviver com elas apenas nos *pontos* de prostituição, “conheci”, através de suas falas, outros aspectos da sua vida.

A elaboração desse estudo baseia-se em uma pesquisa desenvolvida entre os meses de dezembro de 1998 a junho de 1999. Conheci cerca de quarenta *garotas de programa*⁴, mas, para fins de delimitação, o trabalho se ateve à análise das informações de treze delas.

Apresento alguns dados das garotas pesquisadas, pois como sujeitos sociais não devem ser compreendidas descoladas dessas

³ PASINI, Elisiane. “Corpos em Evidência”, pontos em ruas, mundos em pontos: a prostituição na região da Rua Augusta em São Paulo. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2000. Agradeço a atenta e respeitosa orientação de Suely Kofes e as sugestões de Mariza Corrêa e Adriana Piscitelli.

⁴ A forma de apresentação na região da rua Augusta pode ser denominada de “rede”. Segundo Barnes, o termo rede pode ser usado para “um conjunto de relações interpessoais concretas que vinculam indivíduos a outros indivíduos”. (BARNES, J. A. *Redes Sociais e Processo Político*. In: BIANCO, Bela. (org.) *Antropologia das Sociedades Contemporâneas: Métodos*. São Paulo, Global Universitária, 1987, p.167.) Em outras palavras, “a rede como um campo social formado por relações entre pessoas. Essas relações eram definidas por critérios subjacentes ao campo social...”. (MAYER, Adrian. A Importância dos “Quase-Grupos” nos Estudos das Sociedades Complexas. In: BIANCO, Bela. (org.) *Antropologia das Sociedades Contemporâneas: Métodos*. Op.cit., p.129.

dimensões. As informantes estão na faixa etária dos 25 anos (a mais nova 19 anos e a mais velha 36 anos). Quatro delas vieram de outros estados, quatro do interior e uma da capital do Estado de São Paulo. Três delas vieram sozinhas para São Paulo, as outras vieram acompanhando suas famílias. Originam-se de grupos sociais de baixa renda. A maioria das mulheres já teve experiência em outro tipo de atividade profissional. As atividades de trabalho mais comuns são de babá e de vendedora em lojas. Uma delas, ainda hoje, tem outra atividade: é dona de um *trailer* no litoral norte paulista.

Sempre que perguntei quanto custava um *programa*⁵ elas respondiam sobre um valor que seria o preço mínimo, em torno de 50 a 70 reais. Ou seja, elas operam com um “pisso” que nunca é esquecido como o limite mínimo para a negociação com o *cliente*. Nas poucas oportunidades em que as ouvi negociarem com *clientes*, elas diziam que o *programa* custava 80 reais.⁶ A questão do preço deve ser relativizada, pois esse valor mínimo poderá mudar, conforme os elementos que constituem a negociação: quem é a garota, as dívidas, o horário, o número de *programas* realizados, o cansaço, entre outros. Qualquer mudança do que foi combinado anteriormente implica, a princípio, um rearranjo também financeiro.

Quanto à orientação sexual, seis se consideram heterossexuais, seis homossexuais e uma delas bissexual. Nenhuma delas faz *programas* com mulheres.⁷ Cinco mulheres possuem filhos, três delas tem dois filhos – nesses casos, do mesmo pai. As mulheres que têm relacionamentos estáveis com

⁵ *Programa*: termo êmico que significa o tempo que a *garota de programa* permanece com o *cliente*.

⁶ Alguns poucos *clientes* passavam a pé, paravam e perguntavam quanto custava o *programa*. Às vezes os *clientes* paravam o carro e elas negociavam com eles mesmo de longe – menos próximo do leito da rua.

⁷ Uma das garotas, que se considera bissexual, é menos rígida em relação à regra de não realizar *programas* com mulheres, principalmente quando não está se relacionando afetivamente com outra pessoa.

Limites simbólicos corporais

homens utilizam como método contraceptivo pílulas anticoncepcionais. Das treze, nas quais se centrou a análise para esse artigo, cinco estão “casadas” (moram junto por mais de dois anos), cinco têm namorados (em relacionamento com mais de seis meses) e três não têm nenhum relacionamento afetivo.

Alguns dizeres sobre prostituição

Apresento alguns livros que tratam sobre a temática da prostituição para compor a discussão proposta neste artigo. Escolhi esses livros como exemplos, principalmente porque eles são representativos do campo de estudos sobre prostituição e, ao mesmo tempo, porque neles estão contidos tanto estudos sobre diferentes lugares geográficos como uma diversidade das modalidades de prostituição. Cada autor apresenta a maneira que suas informantes utilizam para separar a vida na prostituição e a vida fora da prostituição.

Freitas⁸ apresenta o *programa* como o contexto de negociação das identidades das prostitutas. As prostitutas diferenciavam as práticas sexuais com os *clientes* e com os *não-clientes*, as quais são agenciadas pelo corpo. Ou seja, no corpo está colocado aquilo que a prostituta permite ou não durante as relações sexuais com seus *clientes*. Dessa forma, na maioria das vezes, as práticas entendidas por elas como práticas afetivas são sinônimos de “quebra do contrato” com os homens.⁹ Freitas demonstra como, dentro da prostituição, a mulher lida com suas diferentes identidades. Apesar de não aprofundar a análise na

⁸ FREITAS, Renan S. *Bordel, Bordéis: negociando identidades*. Petrópolis, Vozes, 1985.

⁹ Freitas alerta que a recusa de realizar algumas práticas constituem traços típicos do comportamento de prostitutas: “Muitas delas beijam, ouvem pacientemente as lamúrias do cliente, desligam a televisão, etc. A concessão de tais práticas, porém, está, em geral, condicionada a fatores absolutamente aleatórios: idiosincrasias da prostituta, seu espírito no momento, a simpatia pelo cliente, etc”. Id., ib., p.42.

questão das diferentes esferas da vida social de suas informantes é possível perceber que procura apresentar maneiras através das quais essas mulheres estão elaborando ou reelaborando suas relações sociais.

Gaspar concluiu que ser uma *garota de programa* faz parte da esfera “do trabalho” dessa mulher e, para tanto, demonstra diversos limites que regem esse papel social. Segundo a autora, através da manipulação da identidade, suas informantes estabelecem relações com a sociedade abrangente e, assim, elaboram elementos para a construção da identidade social de *garota de programa*. Gaspar apresentou algumas práticas através das quais suas informantes estabelecem uma divisão entre a vida na prostituição e a vida fora da prostituição. Segundo Gaspar,

garotas que fazem programa constroem uma maneira particular de se relacionar com o próprio corpo, estabelecendo limites e barreiras simbólicas em relação a cada programa e aos clientes em geral.¹⁰

Para a autora, suas informantes usam o corpo para estabelecer uma diferença entre os *clientes* e os *não-clientes*. O comum é elas preservarem algumas partes do corpo que não são tocadas por esses homens. Ou seja, algumas práticas sexuais não são realizadas com eles, caso aconteça, há algum “limite simbólico” que diferencia essas relações. Gaspar também enfatizou que suas informantes têm uma maneira particular de se relacionar com o próprio corpo, em que “barreiras simbólicas” (limites) são estabelecidas. Essa “postura de reserva da prostituta” é realizada na prática evitando o orgasmo, sentindo nojo, não beijando na boca e não dormindo com o *cliente*.

¹⁰ GASPARG, Maria D. *Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 3ª edição, 1984, p.112.

Limites simbólicos corporais

Para Moraes, “uma prostituta não é prostituta o tempo inteiro”.¹¹ No encontro com os *clientes*, as mulheres negociam práticas sexuais permitidas no exercício da prostituição. Assim, algumas partes do corpo acabam tornando-se sagradas e preservadas para seus afetos: “Aqueles a quem se ama, a quem se deve afeto espontâneo na relação, são estes com os quais estas mulheres declaram repartir um contato corporal em plenitude”.¹² Assim, existe uma diferenciação nos desempenhos sexuais profissionais e nos não profissionais. Moraes concluiu que a lógica dessa preservação do corpo está na separação entre o amor e o sexo. Assim como Gaspar, Moraes apresenta o corpo da prostituta como um *locus* da divisão dessas relações. Através de uma divisão simbólica e de cuidados higiênicos do corpo, a prostituta elabora uma lógica de preservação e de evitação do *cliente*. Dessa forma, elas racionalizam seu trabalho e estabelecem, através do corpo, a maneira de experienciar sua vida tanto na prostituição quanto fora da prostituição.

Fonseca¹³, a princípio, pouco apresentou a respeito da questão aqui discutida. Mas sua análise é inovadora para os estudos da prostituição ao sugerir que a prostituta também tem marido e não apenas, o que a literatura específica costuma afirmar, gigolô. O argumento da autora, embasado nos relacionamentos de suas informantes, esclarece que metade das mulheres tem um companheiro que coabita com elas, e o discurso sobre eles pouco difere de tantos outros escritos da literatura sobre relações conjugais. Ao apresentar as diversas formas como suas informantes concebem seus companheiros, a autora também está, de maneira diferente, constatando que existe uma divisão entre o mundo da prostituição e o mundo fora da prostituição.

¹¹ MORAES, Aparecida F. *Mulheres da Vila: prostituição, identidade social e movimento associativo*. Petrópolis, Vozes, 1995, p.125.

¹² Id., ib., p.170.

¹³ FONSECA, Claudia. A Dupla Carreira da Mulher Prostituta. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, IFCS / UFRJ – PPCIS / UFRJ, vol. 4, nº 1, 1996.

É interessante observar que os autores comentados, apesar de nenhum deles ter como objetivo específico explorar a distinção na prostituição e fora da prostituição, acabam referindo-se a essa questão. De uma forma ou outra, os autores demonstram que essa separação é legitimada principalmente através de uma separação entre os *clientes* e os *não-clientes*. Ou seja, apesar do corpo e da corporalidade não serem o foco dos estudos citados, as análises não escapam desta questão. Afinal, é com o corpo que se realiza a prostituição. Nesses livros, a questão da corporalidade está ligada às práticas sexuais que as *garotas de programa* realizam ou não com os *clientes*. Considerando essa bibliografia (e ainda outros livros que poderiam ser usados como exemplos) é interessante ressaltar que a divisão entre a vida na prostituição e fora dela está presente, mesmo que de formas diferenciadas, em praticamente todos os livros que tratam sobre essa temática, em que o corpo dessas mulheres elabora (e é elaborado por) uma separação entre os *clientes* e os *não-clientes*.

Certamente, esse dado permite perceber o quanto a administração dessas “duas” vidas é constituinte do universo da prostituição. Mesmo que alguns desses autores tenham privilegiado mais essa mulher enquanto prostituta, é possível observar a tentativa da análise dessas mulheres enquanto sujeitos sociais. No meu universo de pesquisa os dados também salientam essa divisão. No entanto, como será visto, essa questão pode tornar-se ainda mais complexa .

As garotas de programa na região da rua Augusta

A maneira como as garotas estudadas elaboram e vivenciam a prostituição pode ser compreendida através de regras estabelecidas nos *pontos*. Justamente porque é nesse espaço da prostituição que elas encontram e negociam o *programa* com os *clientes*. Dessa forma, é nos *pontos* que elas agenciam sua

Limites simbólicos corporais

*performance*¹⁴ na prostituição, através de práticas que se revelam na corporalidade e nas suas relações sociais.

A diferenciação de um *ponto* para outro é observada porque ele é um espaço demarcado pelo grupo que ali realiza a prostituição. Esses *pontos* são constituídos por regras, que se tornam fronteiras simbólicas entre um e outro. Assim, é possível reconhecer os *pontos* tanto pela delimitação física quanto simbólica.

Observei na vivência com essas garotas em seus *pontos* que o comum é existir dois conjuntos de regras, os quais, elas precisam seguir tanto para permanecer no *ponto* quanto para legitimarem sua postura de *boa garota de programa*. O primeiro conjunto comunica sobre a *performance* nos *pontos*: a roupa, a quantidade de maquiagem no rosto, a forma de abordagem do *cliente*, o tempo, o valor do *programa* e as ofertas de serviço. O segundo conjunto de regras explicita o relacionamento com os *clientes*: não beijá-los, não deixá-los encostar em seus seios, não fazer sexo anal, não gozar, não dormir com eles, usar preservativo nas relações sexuais e cobrar pelo *programa*.

A compreensão dessas regras é fundamental, pois, inscritas nos corpos, elas dão visibilidade tanto à *performance* dessas mulheres na prostituição como à algumas distinções em suas relações sociais. As práticas das *garotas* em relação aos *clientes* são constituídas e constituintes das regras específicas de ser uma *garota de programa*, da organização do *ponto* e do seu entendimento da prostituição. No cotidiano, essa relação poderá ser realizada de outras formas e as regras poderão ser transgredidas. No entanto, interessa pensar o quanto os corpos dessas mulheres estão expressando a relação. Nesse sentido, cabe analisar como esses corpos que realizam prostituição revelam

¹⁴ Butler aponta que “performativity must be understood not as singular or deliberate ‘act’, but, rather, as the reiterative and citational practice by which discourse produce the effects that it name”. BUTLER, Judith. *Bodies that matter. On the discursive limits of “sex”*. New York, London, Routledge, 1993.

diferentes práticas e indicam a diversidade sobre suas relações sociais.

Os limites simbólicos corporais

Uma das maneiras das garotas comunicarem a prostituição que praticam é observada na forma como elas se maquiavam e se vestem. O tipo de roupa das *garotas de programa* é um dos indicadores das estratégias de sedução em relação aos *clientes*, da corporalidade, da realização da prostituição. A comunicação desses significados sociais é realizada através dos corpos dessas mulheres, entendendo a roupa como parte da corporalidade, portanto, também como componente dessa *performance*. Afinal, a ação de colocar roupas está "...investida de significados, uma vez que faz parte de uma linguagem com um código próprio".¹⁵ Assim, a maneira como elas "ocupam" os *pontos*, a expressão facial, o caminhar, a colocação das mãos, indica práticas que também compõem a *performance* na prostituição.¹⁶

Dessa forma, os corpos dessas mulheres, que foram investidos de ação, vestidos, maquiados, incorporam-se no *ponto*, um local que significa o lugar de trabalho e o espaço onde se constituem as práticas da prostituição das *garotas de programa*. Assim, tanto o corpo como o *ponto* são preparados para a realização da prostituição. Mas, nesse artigo, meu principal interesse está em refletir apenas sobre as formas de "preparar" o corpo para estar na prostituição. Especificamente, minha reflexão está centrada nas práticas que o grupo afirma realizar na prostituição.

Em nossas conversas, as garotas comentavam sobre zonas corporais que eram proibidas e outras que eram permitidas nos momentos que estavam com seus *clientes*. Dessa forma, era

¹⁵ MOTTA, Flávia M. *Velha é a Vovozinha*. Santa Cruz, Rio Grande do Sul, EDUNISC, 1998, p.46.

¹⁶ Ver PASINI, Elisiane. "Corpos em Evidência"... Op.cit.

Limites simbólicos corporais

preciso investigar a lógica dessa diferenciação. Como foi visto, as garotas estudadas organizam a prostituição a partir de regras. Observei que essas regras revelam elementos importantes sobre as diferentes práticas dessas *garotas de programa*.

De todas as regras elaboradas para constituir/organizar a relação entre *garota de programa e cliente*, já apresentadas, o uso do preservativo masculino é a mais respeitada por elas. Ao falar sobre o assunto, apontam como principais motivos para a importância do uso do preservativo a idéia de doença e saúde (higiene), de distinção de sentimentos (afeto e fidelidade com os *não-clientes* e desconfiança, nojo e medo com os *clientes*) e de demarcação entre a vida profissional e particular.

A principal preocupação dessas garotas está relacionada a higienização de seus corpos. Todas afirmam que costumam realizar uma minuciosa limpeza corporal. Em relação a assuntos ligados à saúde (exame médicos, consultas), pouco as ouvi falar. No entanto, cuidar da higiene também é uma forma de cuidar da saúde. Sugiro, entretanto, que a preocupação com a higiene está ligada à busca de deslocar de si para o *cliente* a responsabilidade pela transmissão de doenças.

Era recorrente, ao falarmos sobre prevenção de doenças, ser dito que o maior risco¹⁷ de contaminação estava com o *cliente*. Afinal, essa relação acontece no trabalho da prostituição, então é necessário prevenir-se contra doenças, pois eles são homens desconhecidos, que não fazem parte de sua vida particular.¹⁸ No

¹⁷ Martin, em seu estudo sobre mulheres que contraíram o vírus HIV por meio da relação sexual na cidade de Santos, São Paulo, mostrou que a questão do risco da contaminação não está ligada a questões de ignorância ou de irresponsabilidade. Para a autora “há uma lógica por trás disso que faz com que, apesar do conhecimento do risco que elas corriam, elas preferiam arriscar”. MARTIN, Denise. *Aids e Mulheres: uma abordagem antropológica*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 1995, p.107.

¹⁸ Guimarães observou que o preservativo é utilizado no relacionamento do casal até a mulher ter um “conhecimento” sobre o homem. Assim que o casal adquirir maior intimidade abandonará o preservativo como forma de prevenção contra DST/Aids e a gravidez. Ver GUIMARÃES, Carmem. *Mais Merece: o estigma da*

entanto, as garotas diferenciam o uso do preservativo entre os *clientes* e os *não-clientes*. Mesmo sabendo que seus relacionamentos afetivos estáveis também continham a possibilidade da contaminação; nessas relações a prevenção perdia a importância. Afinal, as parcerias afetivas são realizadas com pessoas com as quais se trocam sentimentos de afeto, vida em comum, confiança, fidelidade. Enfim, essas relações são regidas por outros valores. Dessa forma, considerando o universo pesquisado, observa-se que, para as garotas, o risco da contaminação existe em ambos os relacionamentos.¹⁹ No entanto, a possível contaminação pelas parcerias afetivas é considerada legítima.²⁰

Segundo as garotas, o não uso do preservativo com suas parcerias afetivas também está relacionado a uma diferença de

infecção sexual pelo HIV/Aids em mulheres. *Estudos Feministas*, vol. 4, nº 2, 1996; e Mulheres, Sexualidade e Aids: um projeto de prevenção. In: COSTA, Albertina. (org.) *Alternativas Escassas: saúde, sexualidade e produção na América Latina*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1994.

¹⁹ A literatura sobre contaminação de doenças, principalmente Aids, se dirige mais aos homens, companheiros de mulheres. Nesse estudo, é sabido que algumas dessas garotas estabelecem relacionamentos afetivos lésbicos. No entanto, apesar dessas relações apresentarem suas particularidades, a lógica que ordena o relacionamento tanto em relação à higiene, à saúde e na distinção entre *clientes* e *não-clientes* permanece a mesma. Tanto as garotas lésbicas como as heterossexuais acham que correm riscos da contaminação de DST/AIDS também nas relações sexuais com suas parcerias afetivas. Mesmo assim, não se previnem em nenhum dos casos. Afinal, as lésbicas que mantêm relacionamentos afetivos designam-se mulheres casadas e procuram, assim como as mulheres heterossexuais, estabelecer essa relação embasada em valores principalmente de afeto e de fidelidade.

²⁰ Knauth, em seu estudo sobre mulheres heterossexuais, casadas e soropositivas na cidade de Porto Alegre, argumentou que, mesmo mulheres contaminadas pelo vírus HIV permanecem entendendo a Aids como uma doença do "outro". Tendo sido contaminadas pela relação sexual com o seu parceiro estável, elas compreendem que a forma da contaminação foi legítima. A contaminação torna-se uma conseqüência natural da vida. KNAUTH, Daniela R. *Uma Doença dos Outros: a construção da identidade entre mulheres portadoras do vírus da Aids. Cadernos do Nupacs*, nº 1, Porto Alegre, 1996.

Limites simbólicos corporais

sentimentos, estabelecendo uma hierarquia dos seus afetos e uma prova da sua fidelidade. Assim, o preservativo também se constituiu como um divisor simbólico entre as diferentes relações sociais – afetivas e comerciais. Nesse contexto específico, aponto para o fato de que o uso do preservativo masculino não representa apenas uma forma de se proteger da contaminação de doenças (apesar de ser entendido e usado também com esse fim). O valor do preservativo é reforçado porque ele se constitui como um divisor simbólico entre as diferentes relações sociais – afetivas e comerciais. Apesar de menos explicitadas, outras maneiras de diferenciar essas relações, em conjunto com o preservativo, foram também elaboradas pelas garotas.

As tais regras de uma *boa garota de programa* são as direcionadoras das práticas sexuais (e sociais) tanto com os *clientes* como com os *não-clientes*. Além do uso do preservativo, algumas carícias – principalmente encostar-se nos seus seios, beijar na boca e sexo anal – fazem parte desse conjunto de elementos, os quais estão embasando práticas sociais e sexuais do cotidiano dessas mulheres.

Diversos autores²¹ afirmam que prostituta não beija o *cliente* na boca. Essa foi uma pergunta importante também em minha pesquisa, ou seja, se as *garotas de programa* beijavam o *cliente* na boca:

Beijo? Não gosto. Sou extremamente profissional. Vou beijar quando eu gostar muito de alguém. [Valquíria, interrompendo Cíntia, diz que às vezes até acontece um beijo no rosto] ...para manter a linha da boa vizinhança, nada de língua. (16 de maio de 1999)

²¹ GASPAR, Maria D. *Garotas de programa...* Op.cit.; BONETTI, Alinne de L. *Maridos e Clientes de Prostitutas: quem traz o verdadeiro perigo de Aids. mimeo*, UFRGS, 1995; PIRANI, Denise. *Quand les Lumières de la Ville s'Éteignent: minorités et clandestinités à Paris e cas des travestis. Tese de Doutorado, Paris, École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, 1997.*

[Anita] não se beija na boca para não se apaixonar, é por isso que não se beija na boca, para não se apaixonar. (19 de abril de 1999)

Nestes exemplos, a justificativa para a garota não beijar na boca o *cliente* indica motivações profissionais e afetivas. Em conjunto com a questão de não beijar na boca também existem outras atitudes que não são realizáveis no relacionamento entre *garota de programa e cliente*. Anita explica que é preciso reforçar constantemente os limites da relação com os *clientes*. Anita diz que não deixa os clientes tocarem em seus seios e, quando eles insistem, ela diz que impõe respeito, falando alto com eles: “falo na ignorância, digo que tenho nojo e que vou vomitar, sou grossa, para eles não se atreverem”. (19 de abril de 1999)

Um diálogo e parte de um depoimento sobre regras na prostituição também podem ser somados a essa reflexão; uma conversa entre duas *garotas de programa*:

[Ana responde rapidamente] nunca fazer anal.

[Anita fala] vou guardar o meu cuzinho para depois do casamento.

[Ana interrompendo Anita] eu aprendi que o cu é para sair e não para entrar. [Ela continua] não transar sem camisinha... nunca colocar a boca em nenhum pau... não pode deixar ele ser amigo. [Ela diz que é importante] pegar o dinheiro rápido e fazer tudo rápido, nunca se sabe, e se der um revertério e ele querer bater em mim? Nunca ir longe demais e não dormir com ele”

[Anita, rindo, diz que se o cliente pagar bem ela dorme, ironicamente ela diz] “[o difícil é acontecer. (20 de abril de 1999)

[Cíntia fala] não faço sexo anal, não beijo na boca e não gosto que me chupe. Ah, e só faço com camisinha!.

Para as *garotas de programa* é preciso resguardar algumas partes do corpo, sem permitir o contato com os *clientes*. No

universo pesquisado, a boca, os seios e o ânus dificilmente serão tocados pelos clientes. Como já foi colocado, esse tipo de postura é uma reserva que as garotas estabelecem, mais uma vez, com o intuito de realizarem diferenças, através do corpo, entre as parcerias que estabelecem na prostituição e fora da prostituição.

A determinação do que é e do que não é possível realizar com o *cliente* oferece algumas pistas sobre a postura de ser *garota de programa* e das suas relações sociais. Mas, o principal dessas regras está em revelar o “limite” que essas mulheres construíram para delimitar sua vida na prostituição e fora da prostituição. Em outras palavras, essas regras estão ordenando tanto a forma dessas mulheres estarem na prostituição como fora da prostituição.

Apesar desse discurso (de práticas não realizáveis na relação *garota de programa e cliente*) ser comum nas falas das mulheres que estudei, é necessário dar conta da heterogeneidade no campo estudado. Algumas garotas contam que, dependendo do *cliente* e de como elas estão no dia, até poderão beijá-los na boca, deixá-los passar a mão em seus seios e, inclusive, gozar em uma relação sexual com o *cliente*.

Constatai que as informantes que não têm um relacionamento fixo são aquelas que comentam sobre a possibilidade de “transgredirem”, em algum momento, as regras constituídas no *ponto*. Ou seja, costumam *boiar*²², ficar mais tempo com seus *clientes* ou cobrar menos pelo *programa*. Na ausência de uma relação fixa, tornam-se desnecessárias as práticas para separar a vida na prostituição e fora da prostituição. Como não se relacionam com ninguém, a necessidade de marcar diferenças entre essas relações não existe. No entanto, elas não são totalmente excluídas: afinal, as regras na prostituição também são constituídas com o objetivo de organizar o *ponto* e a *performance* na prostituição.

²² *Boiar*: termo êmico que significa realizar um *programa* e não cobrar. Na maioria das vezes quando acontece é porque as garotas acharam o homem atraente e pretendem manter mais contatos com ele.

Depois de analisar as regras que essas garotas apontavam como constituidoras da sua *performance* na prostituição, compreendi que elas faziam sentido, principalmente, quando ligadas às práticas constituidoras das relações com as parcerias afetivas. Não quero dizer que uma relação só exista na dependência da outra. No entanto, muitas vezes, elas são “experienciadas” a partir de um constante jogo entre uma e outra relação. Assim, ao organizar as relações na prostituição elas também estarão organizando suas relações fora da prostituição. Justamente porque essas regras são constituídas, principalmente tendo como contraponto as diferenças entre as práticas corporais realizadas com os *clientes* e com os *não-clientes*.

Vejamos ainda outras diferenças, as quais eram vivenciadas com o corpo, entre estar com um *cliente* e estar com um *não-cliente*. Uma das demonstrações dessa diferença fica explícita quando elas reclamam (ou se orgulham?) por ficarem *secas* durante as relações sexuais com os *clientes*.

A princípio parece mais fácil compreender essa questão ao pensar nas relações entre as lésbicas e os *clientes*, afinal, dizem, elas não gostam de homens. Angélica relata: “sinto dores na relação por não sentir prazer, não tenho nenhuma lubrificação, fui no médico para ver o que fazer, só que não tem jeito nenhum”. No entanto, a questão sobre gozar nas relações sexuais com os *clientes* não expressa apenas questões de preferências sexuais, também estabelece critérios a respeito de uma “boa” profissional do sexo. Dessa forma, todas elas procuram provar que não gozam nessas relações. Um elemento importante para não gozar nas relações sexuais com os *clientes* é o fato de elas manterem algum relacionamento afetivo, pois afirmam que, quando estão sozinhas, fica mais difícil controlar o corpo.

No entanto, diversas vezes ouvi uma garota acusar a *colega* de gozar durante as relações sexuais com os *clientes*. Poderia aventar-se a hipótese de que o gozo não é permitido nas relações comerciais exatamente para distinguir o *cliente* do *não-cliente* e, também, para separar as relações afetivas das relações

Limites simbólicos corporais

profissionais. Valeska, por exemplo, declara: “fico seca com os *clientes*, mas preciso agradá-los para eles retornarem”.

Dentro ainda desse jogo, as garotas precisam provar que ficam excitadas quando se relacionam sexualmente com os *clientes*, mas não devem gozar nessas relações. Tendo em vista que esse gozo significa uma prova de sentimentos e, dessa forma, além de ser um indicativo de que ela não é uma profissional competente, coloca em dúvida seus sentimentos para com suas parcerias afetivas. Assim, a fidelidade não se define em função do contato físico, mas, sim, pelo gozo, o que, no contexto da rua, é entendido como um sinal evidente de envolvimento afetivo.

Elas também apontam a necessidade da comprovação de serem companheiras fiéis, mas na prática essa comprovação se traduz, principalmente, no uso de preservativos masculinos com os *clientes* e no não uso do mesmo preservativo com as parcerias afetivas. Josiane, uma prostituta lésbica, diz que é fiel à sua mulher e que por isso, com ela, não precisa se preocupar em usar preservativo: “fora da rua não uso, porque só transo com minha mulher”. Nesse exemplo, parece estar estabelecido um acordo (que pode não ser mútuo). O importante é perceber que para Josiane a fidelidade é tanto uma prática sua como de sua companheira. No entanto, insisto, o não uso de preservativos nas relações sexuais com as parcerias afetivas não quer dizer que se acredita na fidelidade do/a parceiro/a, mas, antes, que a relação é tão intensa que se aceita correr o risco. O relevante está no fato de que as *garotas de programa*, heterossexuais e lésbicas, reforçam constantemente sua fidelidade em relação às parcerias afetivas.

Moraes mostra como as prostitutas da Vila Mimosa entendem a negociação das práticas sexuais no exercício da prostituição a partir da lógica que separa amor e sexo. “É uma maneira de não perderem o controle das situações que irão vivenciar tanto com os clientes quanto com os seus companheiros,

maridos e amantes”.²³ O discurso dessas mulheres é sobre a necessidade de separar seus comportamentos sexuais – “lugar de gozar é em casa, lugar de fingir é na zona”.²⁴

No meu universo de pesquisa, as garotas vivem constantemente um “organizar” entre suas relações com os *clientes* e com os *não-clientes*. É significativo elas terem elaborado algumas regras para diferenciar corporalmente esses relacionamentos, aparecendo o preservativo masculino como o principal divisor simbólico. Mas elas ainda precisam provar através de outras práticas o limite dessas relações afetivas ou comerciais. Assim, através de uma postura de evitação, em que algumas partes do corpo não são tocadas pelos *clientes*, elas buscam diferenciar suas relações afetivas e comerciais. Mesmo que, às vezes, algumas dessas regras sejam transgredidas, o motivo para a transgressão está relacionado à desnecessidade dessa separação. No entanto, a lógica da questão permanece a mesma, a necessidade de comunicar diferenças entre relações afetivas e relações comerciais através do corpo.

Quando as *garotas de programa* separam o tipo de prática sexual também separam o tipo de relação que estabelecem com os *clientes* e os *não-clientes*. Esse divisor simbólico é pertinente na organização social de suas práticas cotidianas. Para estabelecer essa diferença entre suas relações, a garota elabora regras para compor suas práticas corporais, as quais também se tornam regras de vivência tanto na prostituição como fora dela.

É através do corpo e do que a garota faz com ele que essas diferenças serão vivenciadas e “comunicadas” socialmente. No comportamento dos corpos das garotas estão inscritas percepções de saúde, de doença, de sentimentos e, principalmente, da diferenciação que elas estabelecem entre os *clientes* e os *não-clientes*. Através de atitudes corporais, a garota está elaborando significados sociais expressos e compartilhados na formulação de

²³ MORAES, Aparecida F. *Mulheres da Vila...* Op.cit., p.171.

²⁴ Id., ib.

Limites simbólicos corporais

suas vidas cotidianas. Mais especificamente, através dos limites corporais usados para compor sua *performance* na prostituição, essas *garotas de programa* agenciam também suas práticas corporais em suas relações afetivas. O agenciamento desses limites simbólicos corporais na prática da prostituição feminina revela maneiras pelas quais essas mulheres organizam seu cotidiano separando sua vida na prostituição e fora dela, tendo seus corpos como o espaço das experimentações, as quais diferenciam suas relações afetivas e comerciais.